IVES Technical Reviews
vinha & vinho

https://doi.org/10.20870/IVES-TR.2024.8047

# A globalização tardia do vinho, 1845 a 2022

**Kym Anderson[1] and Vicente Pinilla[2]**

[1] School of Economics and Public Policy, University of Adelaide, Adelaide, Australia - Crawford School of Public Policy, Australian National University, Canberra, Australia
[2] Department of Applied Economics, Universidad de Zaragoza and Instituto Agroalimentario de Aragon (IA2), Zaragoza, Spain.

Este artigo resume e atualiza um artigo publicado originalmente como Anderson and Pinilla (2022)[1].
Até à década de 1970, o vinho era produzido e consumido quase exclusivamente na região do Mediterrâneo e nas proximidades do Levante. Hoje é apreciado numa gama muito mais ampla de países. No entanto, apesar da dramática globalização recente deste produto, o volume total consumido é hoje muito semelhante ao que era na década de 1960. A aparente incoerência entre estes dois factos explica-se por um enorme declínio no consumo de vinho nos países mais focados no vinho, pelo rápido crescimento da produção e exportação de vinho nos países do Novo Mundo, pela mudança gradual dos consumidores de outras bebidas alcoólicas para o vinho em culturas anteriormente consumidoras de cerveja ou bebidas espirituosas e, mais recentemente, por um aumento dramático da Ásia Oriental como região importadora de vinho.

Anderson (2015)[2] forneceu um estudo de caso buscando entender esse lento desenvolvimento na Austrália, mas faltavam dados abrangentes para outros países e para o mundo antes de 1961, para fazer comparações úteis. Assim, Pinilla juntou-se a Anderson e reuniram uma equipa de investigadores para explorar empiricamente a história do mercado vitivinícola de outros países importantes, e no processo compilaram uma base de dados global que foi recentemente resumida e atualizada em 2022[3 4 1 5]. Esta base de dados revela um aumento no comércio internacional de vinho durante a segunda metade da primeira onda de globalização (final da década de 1840 a 1913), mas isso ocorreu principalmente porque o pequeno inseto filoxera migrou dos Estados Unidos para a Europa e devastou a maioria dos vinhedos da Europa, começando pela França em meados da década de 1860. Isto levou os viticultores franceses a importar matéria-prima de outros países europeus para complementar a reduzida oferta de uvas, enquanto construíam novos vinhedos na Argélia colonial (que para o governo francês fazia parte de França). Mas depois, durante 1920-1960, as exportações mundiais de vinho caíram para a média anterior a 1870, não superiores a 5% do volume da produção mundial de vinho (Figura 1).

As exportações mundiais de vinho foram quase totalmente asseguradas pelos dez maiores exportadores (todos europeus) no início e no fim da primeira vaga de globalização, e a sua quota era ainda de 92% no início da década de 1960. O volume das exportações dos três principais países continuou a crescer numa base *per capita* até o final do século 20 (e em Espanha ainda durante mais tempo). No entanto, isto ocorreu devido principalmente ao facto do consumo interno de vinho estar a diminuir rapidamente: o consumo anual combinado diminuiu 4 mil milhões de litros (de pouco mais de 12 mil milhões) ao longo das duas décadas, até 1990, enquanto as suas exportações anuais aumentaram de 1 para 3 mil milhões de litros. Entretanto, a partir do início da década de 1990, a Austrália e o Chile, e depois a Argentina, a Nova Zelândia e a África do Sul, decolaram subitamente como exportadores de vinho (Figura 2).

A ascensão do Novo Mundo começou na Austrália a partir do final da década de 1980, ajudada por um valor muito baixo da moeda do país naquela época. Uma grande desvalorização real no final de 2001 desencadeou o arranque das exportações de vinho na Argentina, ajudado pelo declínio do consumo interno naquele país,

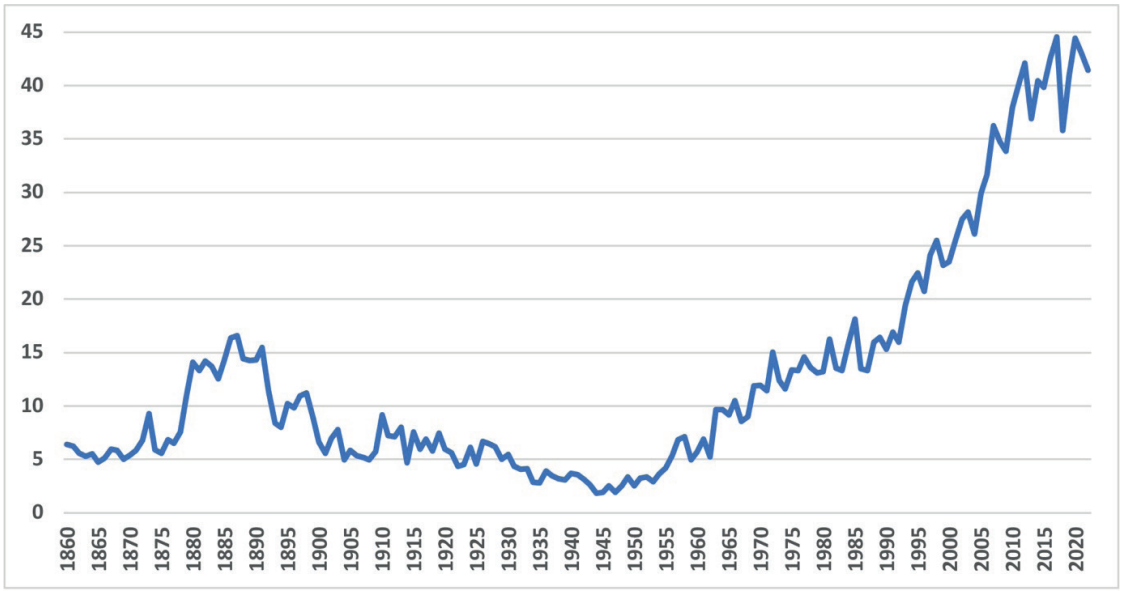



**FIGURA 1.** Percentagem do volume de produção mundial de vinho exportado, 1860 a 2022 (%, excluindo exportações argelinas anteriores a 1963).



A tradução deste artigo para português foi-lhe oferecida pela Sogrape. Consulte https://sogrape.com/pt/sustentabilidade

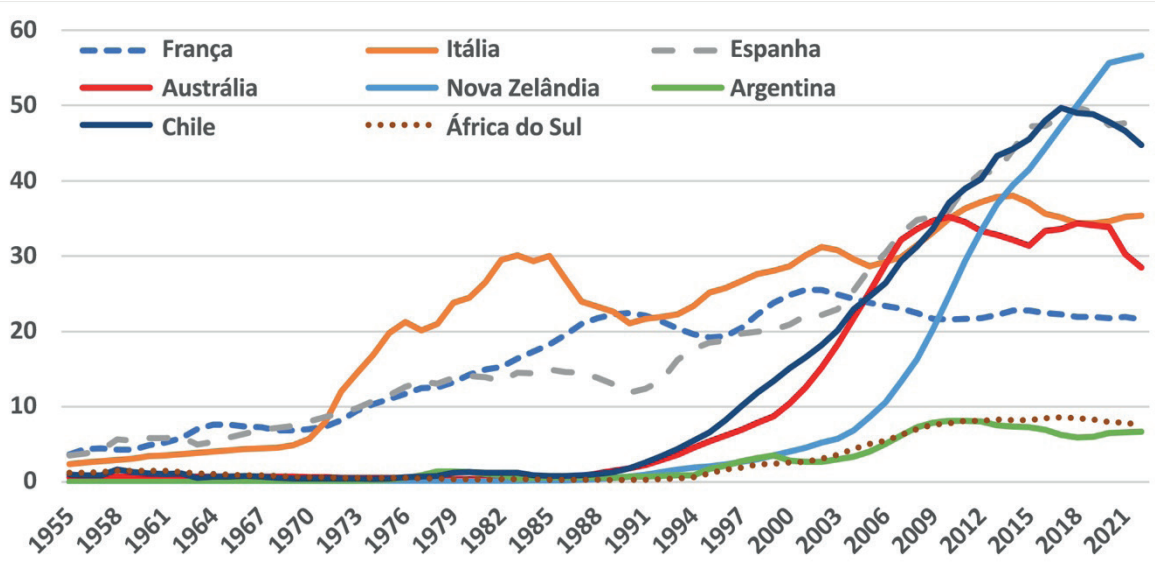



**FIGURA 2.** Volume de exportações de vinho per capita, principais países do Velho Mundo e do Novo Mundo, 1955 a 2022 (litros, média de cinco anos, por ano mostrado).

tal como em Espanha e Itália. Depois, a competitividade internacional das adegas australianas na década de 2010 diminuiu devido à valorização da taxa de câmbio real, associada ao enorme *boom* de investimento da Austrália na indústria mineira. Esta valorização relativamente às moedas de outros países exportadores de vinho permitiu a estes últimos expandir as suas vendas em países terceiros, à custa da Austrália. A Nova Zelândia beneficiou especialmente, exportando inclusivamente mais vinho branco para a Austrália[6]. Este é um exemplo claro de como, num mundo globalizado, a adversidade temporária para a indústria de um país – especialmente de forças económicas exteriores a esta indústria – pode ser benéfica para a indústria de outros países.

Na década de 1960, as três bebidas alcoólicas tinham uma quota semelhante no mercado mundial de bebidas alcoólicas registadas, mas, nas três décadas seguintes, a quota do vinho nesse mercado global diminuiu para metade, sendo agora inferior a um terço das quotas da cerveja e das bebidas espirituosas, que aumentaram para pouco mais de 40% cada. Globalmente, o volume total de consumo de vinho pouco mudou, enquanto a cerveja e as bebidas espirituosas quase triplicaram[7 5].

O século 21 viu o Ásia Oriental tornar-se uma importante região importadora de vinho, à medida que suas economias continuam a crescer e seus consumidores adotam hábitos mais ocidentais[8]. A China dominou este crescimento até meados da década de 2010, mas o seu mercado caiu para metade, desde então. Ainda não está claro o quão temporária será esta desaceleração na China porque, mesmo com o fim das restrições impostas durante 2020-22, como resposta ao coronavírus COVID-19, este mercado permaneceu estável[9]. ■

*Extraído do artigo de investigação "Wine's belated globalization, 1845 to 2025" (Applied Economic Perspectives and Policy, 2022).*


**1** Anderson, K., & Pinilla, V. (2022). "Wine's belated globalization, 1845 to 2025". *Applied Economic Perspectives and Policy 44*(2): 742-765.

**2** Anderson, K. (with the assistance of N.R. Aryal) (2015). *Growth and cycles in Australia's wine industry: A statistical compendium, 1843 to 2013*. Adelaide: University of Adelaide Press. Freely available as an ebook at www.adelaide.edu.au/wine-econ/databases

**3** Anderson, K., Nelgen, S., & Pinilla, V. (2017). *Global wine markets, 1860–2016: A statistical compendium*. Adelaide: University of Adelaide Press. Freely available as an e-book along with Excel files at www.adelaide.edu.au/wine-econ/databases.

**4** Anderson, K., & Pinilla, V. (2018). *Wine globalization: A new comparative history*. Cambridge: Cambridge University Press (Eds.).

**5** Anderson, K., & Pinilla, V. (with the assistance of A.J. Holmes) (2023). *Annual database of global wine markets, 1835 to 2022*. Freely available in Excel at the University of Adelaide's Wine Economics Research Centre, www.adelaide.edu.au/wine-econ/databases

**6** Anderson, K. (2018). Australia's wine industry competitiveness: Why so slow to emerge? *Australian Journal of Agricultural and Resource Economics 62*(4): 507–526.

**7** Holmes, A. J., & Anderson, K. (2017). "Convergence in national alcohol consumption patterns: New global indicators". *Journal of Wine Economics 12*(2): 117–148.

**8** Anderson, K. (2020). Asia's emergence in global beverage markets: The rise of wine. *Singapore Economic Review 65*(4): 755–779.

**9** Anderson, K. (2023). What's happened to the wine market in China? *Journal of Wine Economics 18*(2): 173-183.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.